

O ensino da improvisação em aulas de guitarra na perspectiva dos alunos

João Jorge dos Anjos Paixão
Universidade de Brasília
Joaojorgedosanjos@gmail.com

Maria Isabel Montandon
Universidade de Brasília
misabel@unb.com.br

Comunicação

Resumo: Esta pesquisa buscou verificar como o curso de guitarra da Escola de Música de Brasília, capacita os alunos a atuarem e improvisarem em diversos estilos musicais em suas atuações profissionais fora do contexto da escola. A revisão de literatura inclui pesquisas sobre improvisação e improvisação na guitarra (RODRIGUES, 2014; CHERNICHARO, 2009; ALBINO, 2009; ZENICOLA, 2007; SILVA, 2013; MONZO, 2014; GUERZONI, 2014; CORTES, 2012), sobre o ensino de guitarra em escolas formais (CHERNICHARO, 2009; ALBINO, 2009; SILVA, 2013), sobre o ensino informal e autoaprendizagem (GARCIA, 2010; GARCIA, 2011; LEÃO, 2014), e sobre a mapeamento de pesquisas no Brasil e sobre ensino e aprendizagem de guitarra (FIGUEIREIDO, 2013). A pesquisa apoia-se no conceito de improvisação idiomática de Garcia (2012) e Rodrigues (2014) e empregou a metodologia qualitativa (MORESI, 2003; QUEIROZ, 2006; GOLDBERG, 1997), entrevistando três guitarristas formados no curso técnico da Escola de Música de Brasília. Os resultados da pesquisa apontam que o curso de guitarra oferecido pela escola utiliza a metodologia do jazz e foca o ensino de improvisação neste estilo, sendo raramente abordados outros estilos e gêneros. De acordo com os alunos, a escola proporciona ferramentas para que eles, como autodidatas, consigam improvisar em outros estilos.

Palavras chave: Improvisação na guitarra; Ensino de improvisação; Improviso idiomático.

Abstract: This research aims at verifying how a guitar course in the Escola de Música de Brasília prepares students to improvise and to perform in different music styles outside school environment. Literature review includes research about improvisation and improvisation in the guitar (RODRIGUES, 2014; CHERNICHARO, 2009; ALBINO, 2009; ZENICOLA, 2007; SILVA, 2013; MONZO, 2014; GUERZONI, 2014; CORTES, 2012), about guitar teaching in formal schools (CHERNICHARO, 2009; ALBINO, 2009; SILVA, 2013), about learning in informal sets and self learning (GARCIA, 2010; GARCIA, 2011; LEÃO, 2014), and about learning and teaching guitar in Brazil (FIGUEIREIDO, 2013), about learning in informal sets and self learning (GARCIA, 2010; GARCIA, 2011; LEÃO, 2014), and about learning and teaching guitar in Brazil (FIGUEIREIDO, 2013). This research bases on Garcia's (2012) and Rodrigues (2014) concept of idiomatic improvisations, and employed qualitative methodology (MORESI, 2003; QUEIROZ, 2006; GOLDBERG, 1997), interviewing tree guitar players that have been students from the school. Results show that the guitar course uses jazz methodology and focus on the teaching of

improvisation in this style, with very little place for other music styles. However, students believe that it gives them tools to which to improvise in other styles, by themselves.

Keywords: Improvisation on guitar; improvisation teaching; idiomatic improvisation.

INTRODUÇÃO

A guitarra elétrica é um instrumento popular e bastante difundido no mundo em vários gêneros musicais. Geralmente, a guitarra é utilizada como um instrumento de acompanhamento, mas devido à sua versatilidade e diversidade timbrísticas também é muito usada para fazer melodias e solos.

A despeito de ser muito popular entre os jovens e consecutivamente associada ao rock, hoje em dia a guitarra se faz presente nos mais diversos gêneros musicais e formações instrumentais: tem guitarra nos grupos de jazz, nas bandas de forró, no samba, no choro, na salsa, na *Black music* e até na música “erudita” contemporânea. (CHERNICHARO 2009, p. 9)

Para Chernicharo (2009), é indispensável lembrar a importância que a guitarra tem nos grupos de música, digamos, “de caráter mais comercial” (p.12), o que remete à música com maior apelo de massa. Ele afirma também que, seja na música baiana (*axé music*), no pop rock, seja no sertanejo/country, no samba-rock, no *reggae* ou em baladas românticas, a presença da guitarra é quase obrigatória. Ou seja, o mercado de trabalho para a guitarra é diverso e exigente de aprimoramentos, como diz Garcia (2011), o que torna imprescindível ao guitarrista a aprendizagem de assuntos específicos que nem sempre são fornecidos em contextos de ensino formal ou informal.

Apesar do grande uso da guitarra em vários estilos e gêneros musicais, o seu ensino parece se concentrar no estilo jazz. Há aqueles que acreditam que o estudo do jazz é uma ótima forma de iniciar os estudos de guitarra, pois fornece ao aluno uma base técnica e teórica para se tocar em diversos estilos. Chernicharo (2009) diz que o estudo do jazz é um excelente ponto de partida para os estudos musicais, isso porque a prática jazzística requer um conhecimento amplo de harmonia. Para ele o instrumentista, ao tocar jazz, tem o mesmo contato com o esquema harmônico da bossa-nova, do samba, e de toda música popular de

harmonia tonal e modal. Segundo Cortes (2012) um fator que contribui para a metodologia jazzística é a grande quantidade de materiais transcritos, analisados e sistematizados, junto com um mercado editorial norte americano sólido. Para ele, a sistematização do jazz é útil para aprendizagem de matérias básicas da música, como escalas, arpejos, acordes e etc. Por outro lado, o autor critica o foco neste estilo, afirmando que

Existe um grupo de músicos que compartilha a ideia de que o *jazz* é uma música “superior” e possui uma paleta tão ampla de elementos e procedimentos musicais que um músico com sólida formação nesta área pode executar qualquer tipo de música.” (p.30)

Esta pesquisa teve como objetivo verificar como os alunos de guitarra da Escola de Música de Brasília veem o desenvolvimento da improvisação em seus cursos em relação à sua atuação. Procura, também, entender como esses alunos fazem as transições dos conhecimentos de improvisação adquiridos no curso de guitarra para outros estilos. Objetiva, ainda, verificar até que ponto esses conhecimentos são suficientes para suprir as necessidades desses profissionais em suas atuações profissionais ou amadoras, e como desenvolvem as improvisações em outros estilos.

Vários trabalhos foram encontrados sobre o ensino da improvisação e o ensino da guitarra. Rodrigues (2014), Chernicharo (2009), Albino (2009) Zenicola (2007), Silva (2013), Monzo (2014), Guerzoni (2014) e Cortes (2012) realizaram estudos sobre a improvisação, Chernicharo (2009) e Guerzoni (2014) realizaram estudos sobre o ensino da guitarra, focando no músico Nelson Faria, e a trajetória de formação deste músico. Chernicharo (2009), Albino (2009), e Silva (2013) estudaram o ensino da guitarra em escolas formais, enfocando também o ensino de improvisação. Garcia (2010), Garcia (2011) e Leão (2014) estudaram o ensino particular de guitarra e a autoaprendizagem na guitarra, e a relação entre as aprendizagens nos contextos formais e informais. Figueiredo (2013) realizou estudos mapeando pesquisas que estão sendo produzidas no Brasil com a temática de ensino e aprendizagem de guitarra.

A metodologia adequada para verificar o que os alunos pensam sobre o ensino da improvisação nos cursos de guitarra da Escola de Música de Brasília foi a metodologia qualitativa (MORESI, 2003), com o uso de entrevistas estruturadas e semiestruturadas (BONI e

QUARESMA 2005). Foram convidados três alunos de guitarra, ex-alunos da Escola de Música e atualmente alunos do Departamento de Música da Universidade de Brasília. Todos são profissionais e tocam em diferentes bandas e estilos.

Definindo improvisação

A improvisação é definida de várias maneiras, alguns autores a definem como uma criação instantânea, uma composição que é criada e executada durante a performance, criando algo totalmente novo, ou, apenas, como a realização de mudanças na melodia da música existente.

Rodrigues (2014) define a improvisação performática que pode ser entendida como uma composição feita em tempo real, sem a possibilidade de correções. Para ele o improvisador compõe como qualquer outro compositor, mas com apenas uma oportunidade de expor sua obra. Já Chernicharo (2009) se refere à improvisação como uma construção de solos “instantâneos” à moda jazzística, no qual o músico tece um discurso musical sem planejamento prévio de uma progressão harmônica, extraíndo dessa progressão escalas e ritmos referentes ao idioma desse gênero. Para ele, o termo improvisar significa a capacidade do músico criar uma composição instantânea, que mesmo que seja feita em tempo real, não significa que ele não teve um preparo ou um estudo específico para que pudesse realizar aquela criação. Esse tipo de improvisação está relacionado ao termo usado por Cortes (2012) e Zenicola (2007), que a definem como improvisação idiomática.

Cortes (2012) define a improvisação idiomática como uma criação em tempo real, que leva em consideração o uso de elementos musicais recorrentes no gênero selecionado. Para o autor, para realizar a improvisação, o músico utiliza todo o material musical que foi absorvido em estudos prévios, incluindo citações de outras músicas, figuras rítmicas recursivas, fraseado relacionado do gênero em questão. Zenicola (2007) define improvisação idiomática como uma

improvisação que é inserida em um idioma específico, seja no jazz, na MPB¹, no rock e etc. Esse idioma seria formado pelas peculiaridades e particularidades de cada estilo.

Já Silva (2013) diz que a improvisação está relacionada à habilidade de compor no momento da performance, e essa composição é construída sobre uma harmonia predefinida. Zenicola (2007) usa o termo “improvisação livre” sendo aquele aonde se tem “liberdade”, ligada às múltiplas possibilidades de conexão entre quaisquer objetos sonoros, com toda e qualquer liberdade, sem excluir uma formação tecnicista. Essa definição é compartilhada por Albino (2009), que entende que a improvisação é tanta a ideia de criação instantânea de uma obra até pequenas alterações em uma peça existente. Para ele, o improviso musical está ligado à ideia de habilidade, experiência, conhecimento musical, e também a um pensamento rápido chamado de pensamento lateral, pensamento divergente, intuitivo, criativo, não sendo proveniente do pensamento lógico, racional-linear. Há ainda a definição de Monzo (2014) define a improvisação como uma atividade de performance, sendo um exercício de composição em tempo real.

A Guitarra e seu ensino

O ensino de guitarra e improvisação é um assunto recente em trabalhos acadêmicos e em pesquisas de música. Embora nos dias de hoje a guitarra seja um instrumento muito popular, não há uma variedade tão grande de trabalhos e materiais a respeito desse instrumento no Brasil. A revisão de literatura mostra que trabalhos de ensino de guitarra discorrem sobre o ensino particular de guitarra, sobre a autoaprendizagem de conteúdos que os alunos não adquirem nas escolas de música e do ensino formal e informal de guitarra.

Figueiredo (2013) realizou revisão de literatura sobre o ensino e a aprendizagem da guitarra elétrica no Brasil, agrupando-a em quatro categorias a partir desta busca: 1) a inserção da guitarra elétrica em instituições de curso superior, 2) a identidade brasileira da guitarra elétrica e sua inserção no contexto da música popular brasileira, 3) estudos voltados para a

¹A definição usada nesse trabalho para MPB, será a utilizada pelos autores e pelos entrevistados, que a definem como a Bossa-nova, o samba, e alguns tipos de forró e choro.

prática e improvisação de músicos (guitarristas) e, 4) estudos que tratam de aspectos relacionados ao ensino e à aprendizagem da guitarra elétrica. Sua pesquisa traz temas para a discussão do ensino e aprendizagem da guitarra, indicando pontos que podem ser aprofundados como o ensino da improvisação na guitarra e a sistematização da guitarra no contexto da música brasileira.

Garcia (2010) pesquisou o modo como ocorrem as aulas particulares de guitarra, desde o seu planejamento até sua aplicação em João Pessoa – Paraíba. O autor tem como objetivo refletir sobre os processos que caracterizam a aprendizagem de guitarristas neste município, contemplando os músicos profissionais e amadores. O autor afirma que a autoaprendizagem é um elemento fundamental na formação dos guitarristas que foram investigados, e acontecem em diversos níveis, pois cada aprendiz tem sua própria realidade educacional, podendo ser apenas um complemento as aulas ou pode acontecer de forma total.

Leão (2014) buscou traçar o perfil de professores de guitarra que atuam no âmbito de aulas particulares na cidade de Natal-RN, procurando identificar aspectos como faixa etária, a formação musical, e a atuação profissional e tempo de experiência dos professores, concluindo que muitos professores ministram aulas em suas próprias casas, com um número maior de professores autodidatas do que formados, onde a renda de lucros das aulas não se caracteriza uma fonte rentável.

A Improvisação e seu ensino na guitarra

Muitos autores pesquisaram como um curso de guitarra deve ser elaborado, e quais matérias são necessárias para a formação de bons músicos e guitarristas. Em suas pesquisas, os autores concordam que o ensino de improviso na guitarra é indispensável para a formação do músico. A improvisação trabalha com vários conhecimentos simultâneos como a harmonia, relação escala-acordes, arpejos, a criatividade, e, se desenvolvido de forma sistematizada, pode incentivar e despertar interesses em conhecimentos musicais que serão trabalhados posteriormente.

Rodrigues (2014) analisa a improvisação performática e as práticas que interferem direta e indiretamente na produtividade dessa improvisação. Seu trabalho teve como objetivo analisar a trajetória do músico e professor Nelson Faria a fim de verificar com este se tornou um grande improvisador, e também, como esta trajetória pode contribuir para o aprimoramento dos estudantes de improvisação. Chernicharo (2009) desenvolveu monografia com o objetivo de identificar por que a guitarra não está tão presente quanto os outros instrumentos nos cursos superiores, apontando dados para criação de um currículo universitário que, de fato, profissionalize o músico e o qualifique para atuar em diversas áreas do mercado de trabalho musical, com a intenção de organizar e investigar que conhecimentos são relevantes e necessários para a formação do guitarrista.

Zenicola (2007) destaca a importância de um período onde os artistas buscavam aproximar duas habilidades segmentadas: a de tocar e compor, que durante a performance os músicos executavam obras e durante essa apresentação apresentavam suas próprias “obras”, por meio do improviso. Em sua pesquisa, o autor analisa as características de uma proposta de improvisação livre ou com é frequentemente denominada, improvisação “não-idiomática”, que propõe uma improvisação sem acordes ou padrões de improvisados predeterminados, tudo acontece na hora da performance.

Buscando discutir o que pode ser um ensino significativo de improvisação musical nas escolas que trabalham com a performance musical, Albino (2009) realizou pesquisa com os seguintes objetivos: 1) discutir o conceito de improvisação e de aprendizagem significativa, 2) promover cursos e oportunidades de improvisação em escolas que tenham performance, 3) oferecer aos estudantes e professores algum suporte metodológico que poderá fazer da improvisação uma matéria dos cursos de instrumentos.

Na mesma linha, Silva (2013) estudou a improvisação no âmbito da Escola de Música da UFMG, buscando analisar o processo de aprendizagem dessa arte no curso superior. Sua pesquisa buscou conhecer os vários tipos perfis de alunos e de professores envolvidos com a improvisação dentro da instituição de ensino, com o objetivo de contribuir com o

conhecimento dos processos de ensino e aprendizagem de improvisação em um curso de música em nível superior.

Para compreender a interpretação e a improvisação a partir de uma análise da performance de “Luiz Eça Trio” na música “Samba de uma nota só”, Monzo (2014), analisou a importância da interpretação na improvisação, como ela alimenta um improviso, e como uma interpretação é carregada de influências e como elas se refletem nas escolhas do músico que a executam.

Cortes (2012) apresenta levantamentos de elementos musicais como ritmos, levadas, dinâmicas e etc. do choro, do frevo e do baião, apresentando sugestões para a utilização deste material para a prática da improvisação idiomática. Em sua pesquisa, foi possível perceber procedimentos ligados à improvisação encontrados na prática do choro, frevo, e baião que remetem a determinadas práticas presentes na música de concerto europeia e no jazz norte americano.

Desenvolvimento da pesquisa:

A pesquisa foi realizada com três guitarristas, todos atuando profissionalmente na cidade de Brasília, e alunos ou ex-alunos da mesma escola específica de música. Duas entrevistas foram realizadas com cada guitarrista. Todos iniciaram seus conhecimentos em música de maneira informal, e em outros instrumentos (violão, flauta-doce), confirmando o que Leão (2014) concluiu: a maioria dos músicos iniciantes busca conhecimento a partir de sua própria curiosidade e interesse. Os três guitarristas seguiram, posteriormente, para uma escola especialista.

Para eles, as aulas de guitarra são muito específicas no idioma jazzístico, com pouco contato com outros estilos dentro da aula de instrumento. O Guitarrista C (CE, p.11) afirmou que “então, acaba que na improvisação, a gente naturalmente estuda a metodologia do jazz americano”. Em relação a esse fato, Cortes (2012, p.30) explica que:

É possível apontar alguns fatores que contribuíram para motivar tal interesse pelo *jazz theory* (teoria ou metodologia jazzística). Observa-se que existe uma grande quantidade de material musical transcrito, analisado e sistematizado nesta área, assim como um mercado editorial norte americano sólido.

Os guitarristas entrevistados entendem que, embora o estudo tivesse um enfoque maior no jazz e na improvisação jazzísticas, é possível traduzir esses conhecimentos para o sotaque brasileiro, podendo ser usado em outros estilos. “É improvisação, que você pode usar aonde você estiver, fazendo as suas adaptações rítmicas, dependendo do contexto que você está inserido naquele momento” Guitarrista B (2016, CE, p.12).

O contato que os alunos do curso têm com outros gêneros se deu em outras matérias como prática de conjunto e/ou performance, onde os alunos tocam vários gêneros musicais, dentro de suas particularidades e característica. A partir daí, são orientados pelos professores sobre como tocar, quais escalas usar, o que é recorrente no estilo, e têm que ouvir para se habituarem naquele gênero trabalho. O Guitarrista C (2016, CE, p. 12) diz “Na música pop e no rock a maneira de improvisar aí já é um pouco diferente né, aí você tem que buscar do jeito que a gente mais escuta falar dos grandes improvisadores, para improvisar naquele estilo é escutar quem foram os grandes”. Quando vão improvisar em outros estilos musicais, os guitarristas entrevistados concordam que os conhecimentos aprendidos na escola não são suficientes ou os mais adequados para uma boa execução de outros estilos musicais, pois usar um vocabulário jazzístico pode descaracterizar esses outros gêneros, ou pelo fato de não terem tanto contato com outro tipo de vocabulário musical.

Agora quando eu vou para outros estilos como blues, rock e tal, isso vai mais da vivencia né, ou de você praticar tirando música em casa, e ir por esse caminho, não necessariamente eu aprendi isso na escola, mas com os conhecimentos que eu aprendi me ajudaram a trafegar por esses outros estilos que necessitam de improvisação. (GUITARRISTA A, 2016, CE, p.3)

Conclusão:

É possível perceber que os estudantes consideram o curso de guitarra essencial para sua formação como músicos, e que os conhecimentos aprendidos de improvisação nas aulas de

guitarra os ajudam em suas atuações profissionais. A resposta dos alunos confirmou a hipótese de que o foco do ensino da improvisação está no estilo do jazz e também da música brasileira instrumental, mas, no chamado “brazilian jazz”, que se refere à bossa nova e aos sambas mais próximos à bossa-nova.

Foi possível identificar os benefícios de iniciar os estudos de guitarra utilizando metodologias que são usadas no ensino do jazz. Essa sistematização que é utilizada no ensino do jazz, segundo os entrevistados, é útil para aprendizagem de materiais básicos da música, como arpejos, escalas, intervalos, acordes, relação escala-acorde e etc. Outro ponto colocado é a prática jazzística, que requer maior conhecimento harmônico, e o instrumentista entra em contato com o mesmo esquema harmônico presente na bossa-nova, no samba, e outros estilos, e o forte incentivo a prática da improvisação no jazz, onde em quase todos os estilos de jazz é comum o improviso em alguma parte música. Essa regularidade de utilizar a improvisação em todo o repertório trabalhado ajuda o guitarrista a desenvolver um pensamento rápido, que possibilita o guitarrista a buscar, organizar e associar seus conhecimentos musicais com a composição que é feita em tempo real.

Se por um lado os alunos reconhecem a importância do que aprendem de improvisação dentro do estilo do jazz, por outro, questiona-se até que ponto a ênfase na improvisação de apenas um estilo irá influenciar a execução em outros estilos, que têm características próprias e particulares com suas improvisações idiomáticas. Ou seja, até que ponto estes alunos não mudariam o “jeito de tocar” ou de improvisar do rock, do frevo, baião, funk, do axé e etc. ficando com “jeito de jazz”, assim descaracterizando aqueles gêneros musicais.

Os conhecimentos adquiridos nas aulas de guitarra, ajudam a improvisar em outros estilos, utilizando os passos que são aprendidos na escola, de ouvir, tirar solos e frases, e fazer transcrições, os guitarristas de maneira autodidata conseguem improvisar em outros estilos

musicais que geralmente não são trabalhados nas aulas de guitarra, sem perder suas peculiaridades e características.

Questiona-se, também o porquê da escola não ampliar o ensino de improvisação para outros estilos, principalmente estilos brasileiros, mais próximos dos alunos e de suas atuações profissionais. Em se tratando de escolas profissionalizantes, e considerando que estes guitarristas atuam em vários outros estilos musicais, questiona-se porque o foco está no improviso do jazz, com tão pouco espaço para outros estilos onde o uso da guitarra é quase obrigatório como a música baiana (axé music), o rock, o blues, o sertanejo/country e etc.

Referências

RODRIGUES, V. P. .**Reflexões Sobre o Estudo da Improvisação Performática: uma análise da trajetória do músico e professor Nelson Faria**. In: IX Encontro Regional Sudeste da ABEM, 2014, Vitória - ES. ABEM - Associação Brasileira de Educação Musical, IX Encontro regional sudeste da ABEM. Vitória: ABEM, 2014.

CHERNICHARO, Felipe Melo. **O ensino da Guitarra Elétrica na instituição de ensino superior: Uma proposta curricular**. 2009. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade do Rio de Janeiro

ZENICOLA, Felipe de C. **Improvisação livre: aspectos estruturais e pedagógicos**, 2007, monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística - Habilitação em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade do Rio de Janeiro.

ALBINO, Cesar. **A importância do ensino da improvisação musical no desenvolvimento do intérprete**. Dissertação (Mestrado em Música) - Instituto de Artes -UNESP, 2009, São Paulo.

MONZO, D. S. V. **A interpretação na improvisação: uma compreensão inicial a partir da performance de “Luiz Eça Trio” na música “Samba de uma nota só” apresentada no programa “Jazz Brasil”, em 1990**. In: II Congresso Nacional da ABRAPEM, 2014, Vitória - ES. Anais do congresso da associação brasileira de performance musical. Vitória: UFES, 2014. v. 1.

SILVA, Ricardo Costa Laudares. **Ensino e aprendizagem de improvisação em um curso superior de música.** Dissertação (Pós-Graduação em Música) – Escola de Música - UFMG, 2013, Belo Horizonte.

LEÃO, Djair Pessoa. **Um panorama do ensino particular da guitarra elétrica na cidade de Natal-RN.** Monografia (Graduação em Música) – 2014 -Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN.

GUERZONI, Felipe Boabaid. **A Arte da Improvisação” de Nelson Faria: Influências na pedagogia da música popular brasileira.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais Escola de Música. 2014, Belo Horizonte.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz. **Ensino e aprendizagem da guitarra elétrica: uma breve revisão da literatura.** In: XXI Congresso Anual da ABEM, 2013, Pirenópolis/GO. Ciência, Tecnologia e Inovação: perspectivas para pesquisas e ações em educação musical., 2013.

GARCIA, Marcos da Rosa. **O ensino de guitarra elétrica no contexto de aulas particulares.** In: XIX Congresso nacional da associação brasileira de educação musical, 2010, Goiânia. Anais... Goiânia: UFG, 2010. p. 1487-1496.

GARCIA, Marcos da Rosa. **Processos de autoaprendizagem em guitarra e as aulas particulares de ensino do instrumento.** Revista da ABEM, Londrina, v.19, n. 25, p. 53-62, jan.jul. 2011.

CORTES, Almir. **Improvizando em música popular: um estudo sobre o choro, frevo e o baião e sua relação com a música instrumental brasileira.** 2012. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Estadual de Campinas.

MORESI, Eduardo, **Metodologia da Pesquisa, Brasília, 2003, Universidade Católica De Brasília – UCB, Pró-Reitoria De Pós-Graduação – PRPG Programa De Pós-Graduação Stricto Sensu Em Gestão Do Conhecimento E Tecnologia Da Informação.** Disponível em: http://ftp.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1370886616.pdf Acesso em: 09/06/2016.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** Em Tese, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <http://ftp.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1386353091.pdf>. Acesso em: 9 de junho. 2016.

RODRIGUES, Vinícius Pereira. **Reflexões sobre o Estudo da Improvisação Performática: uma análise da experiência e metodologia de ensino de Nelson Faria.** 2012. 105f. Monografia (Licenciatura em Música) – Faculdade de Música do Espírito Santo, Vitória.